

SAÚDE E PRODUÇÃO DE RUMINANTES E EQÜÍDEOS

P-204

EFEITOS DO ESTRESSE CALÓRICO SOBRE OVINOS (OVIS ARIES) DA RAÇA SANTA INÊS NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS – PIAUÍ

Mauro Tavares de Melo¹; Paulo Tojal Dantas Matos²; Jamile Prado dos Santos¹; Karina Rodrigues dos Santos³; Maria Julia Araújo Feitosa³; Carlos Syllas Monteiro Luz³

¹Professor adjunto da Universidade Federal de Sergipe; ²Aluno de graduação do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Sergipe; ³Professora da Universidade Federal do Piauí; Mestranda no Programa de Pós-graduação em Zootecnia pela Universidade Federal de Sergipe; Mestrando em Zootecnia pela Universidade Federal do Piauí.

Foram avaliados os efeitos da temperatura ambiental sobre as funções fisiológicas de ovinos, criados no campus da Universidade Federal do Piauí, no município de Bom Jesus, PI. Foram selecionados 39 ovinos, de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias (0-6; 7-12; > 13 meses) da raça Santa Inês. Os animais tiveram seus dados coletados duas vezes ao dia entre os meses de abril e maio. As medições incluíram a temperatura retal (TR), a Frequência Cardíaca (FC), a Frequência respiratória (FR) e os movimentos ruminais (MR), as oito e 14 horas, depois de os animais terem sido expostos ao sol. Os resultados foram testados e comparados pelo teste de Tukey ($P < 0,05$), pelo programa estatístico (SAS 9.1, 2003). Foram observados animais de alta e baixa resistência a ação do efeito calórico. As médias dos ovinos machos e fêmeas para o período da manhã e tarde foram respectivamente: 39,4 e 39,6°C para TR; 95 e 92 batimentos por minuto para FC; 44,6 e 47,2 movimentos por minuto para FR; 5,2 e 5,6 movimentos para MR. Os resultados mostraram ausência da diferença estatisticamente significativa ($P > 0,05$), para frequência cardíaca, movimentos ruminais e frequência respiratória. Já a TR mostrou-se significativa a ($P < 0,05$). Em relação às idades, somente os animais de 12 meses mostraram diferença em seus mecanismos de troca de calor. A TR e a Temperatura Ambiente (0,44) apresentaram correlação positiva, e a Umidade do Ar e Temperatura Ambiente (-0,97) apresentaram correlação negativa. O presente trabalho proporcionou aquecimento corporal aos animais, principalmente no horário mais quente do dia, que foi durante o turno da tarde. Em relação à faixa de idade, pode-se observar que os animais entre 7-12 meses são menos adaptados às variáveis climáticas coletadas nesse estudo.

Palavras-chave: Estresse térmico, Ruminantes, Funções fisiológicas.

SAÚDE E PRODUÇÃO DE RUMINANTES E EQÜÍDEOS

P-205

EFEITOS DO SEXO, TIPO DE PARTO E IDADE SOBRE OS ÍNDICES CORPORAIS A DESMAMA E AOS 240 DIAS DE IDADE EM OVINOS SANTA INÊS

Priscila Maia Pinheiro¹; Adriana de Farias Jucá²; Juliana Cantos Faveri²; Geraldo Magalhães Melo Filho²; Hymerson Costa Azevedo³; Luís Fernando Batista Pinto⁴

¹Bolsista de Iniciação Científica da UFBA; ²Alunos dos Programas de Pós-graduação em Ciência Animal nos Trópicos e em Zootecnia da UFBA; ³Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros/SE; ⁴Professor do Departamento de Zootecnia da UFBA. Email: afjuca@ig.com.br

Foram investigados os efeitos do sexo, tipo de parto e idade sobre os índices corporais a desmama e aos 240 dias de idade em ovinos Santa Inês. Foram utilizados cordeiros Santa Inês do Campo Experimental da Embrapa

Tabuleiros Costeiros/SE. As medidas morfométricas foram mensuradas nos cordeiros a desmama e aos 240 dias de idade. Os índices corporais foram obtidos em função dessas medidas morfométricas. O Índice Corporal (IC) foi a razão entre o comprimento do corpo e o perímetro torácico; o Índice Corporal Relativo (ICR) foi a razão entre o comprimento corporal e a altura na cernelha; o Índice da Relação Cernelha e Garupa (IRCG) foi a razão entre as alturas na cernelha e na garupa; e o Índice da Relação Perímetro Torácico e Cernelha (IRPC) foi a razão entre o perímetro torácico e a altura na cernelha. Houve efeito do sexo e do tipo de parto sobre o IRCG aos 240 dias; e efeito linear da idade sobre o ICR a desmama. Os valores médios encontrados para o IRCG indicaram a forma corporal retilínea tanto para machos quanto para fêmeas. Quanto à avaliação desse índice por tipo de parto, os animais foram caracterizados como retilíneos, independente do parto. Na avaliação do IC, em ambos os sexos e tipos de parto, os animais classificaram-se em mediolíneos a desmama e longilíneos aos 240 dias. O ICR quando avaliado em função do sexo e tipo de parto classificou os animais como tendo pequeno desenvolvimento das pernas. O IRPC a desmama e aos 240 dias, em ambos os sexos e tipos de parto, apresentou valores médios superiores a uma unidade, indicando que os animais possuíam bom desenvolvimento torácico, com ampla capacidade respiratória e de desenvolvimento muscular. Portanto, o fato de não haver diferença expressiva entre a classificação dos animais a desmama e aos 240 dias de idade para os índices avaliados, permite a seleção precocemente, já na desmama.

Palavras-chave: cernelha, garupa, morfologia, ovinocultura

SAÚDE E PRODUÇÃO DE RUMINANTES E EQÜÍDEOS

P-206

EFICÁCIA ANTI-HELMINTICA ISOLADA DO DISOFENOL (RUMIVAC 30®), DE IVERMECTINA (IVERMECTINA CHAMPION 1%®) E DA APLICAÇÃO SIMULTÂNEA EM BOVINOS

Laerte Grisi¹; Alexsandro Luiz dos Santos²; Cassio do Nascimento Florencio³; Fabio Barbour Scott⁴

¹Professor Titular na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; ²Médico Veterinário, bolsista FAPUR; ³Médico Veterinário, Residente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; ⁴Professor Associado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: lgrisi@ufrj.br

Foi avaliada a eficácia anti-helmíntica isolada do Rumivac 30, da Ivermectina Champion 1% e da aplicação simultânea dos dois produtos em bovinos. Trinta e dois bezerros mestiços, machos, oriundos de quatro criações distintas no município de Seropédica, RJ, foram adquiridos e transferidos para área de campo do Departamento de Parasitologia Animal, no campus da UFRJ. Amostras fecais individuais foram coletadas da ampola retal dos animais e processadas empregando-se a Técnica McMaster. Com base nos resultados dos exames de fezes individuais foi elaborada uma lista em ordem decrescente dos resultados sendo os animais alocados ao acaso em ordem decrescente em cada um dos quatro grupos, e efetuado sorteio grupos: 1) Controle não medicado; 2) Medicado, Ivermectina 1% Champion, por via cutânea, na região da espátula, no lado esquerdo, na dose de 1,0 mL/50 kg de peso vivo corporal, correspondente a 0,2 mg de ivermectina/kg; 3) Medicado, Rumivac 30, por via subcutânea, na região da espátula, no lado esquerdo, na dose de 1,0 mL/40 kg de peso vivo corporal, equivalente a 7,5 mg de disofenol/kg; 4) Medicado, Ivermectina 1% Champion e Rumivac 30, em aplicação simultânea, conforme descrito anteriormente. A partir do dia +14 após o tratamento, com base nos resultados dos exames de fezes (OPG) por animal em cada um

dos grupos, foram eutanasiados dois animais por grupo, aquele com OPG mais elevado e o com OPG mais baixo. O mesmo critério foi mantido com relação aos dias +21 e +28, sendo no dia +35, eutanasiados os últimos dois animais de cada grupo. Com relação à eficácia geral dos produtos empregados, considerando-se o somatório de oito bovinos por grupo, independentemente, das datas de necropsia após as datas do tratamento, ou seja, 14, 21, 28 e 35 dias após o tratamento, os níveis de eficácia anti-helmíntica foram os seguintes com relação a *Haemonchus placei*, *Cooperia punctata* e *Oesophagostomum radiatum*: Ivermectina 1% Champion 75,1%, 85,1% e 24,0%; Rumivac 30, 100%, 69,5% e 99,7%; Ivermectina 1% Champion associado a Rumivac 30, 100%, 62,5% e 100%, respectivamente. Pode-se observar a ocorrência de resistência a ivermectina aos principais nematóides gastrintestinais de bovinos, mesmo em pequenas propriedades rurais no Município de Seropédica, RJ. O uso do disofenol isolado ou associado a ivermectina mostrou-se altamente eficaz no controle de infecções por *H. placei* e *O. radiatum* em bovinos.

Palavras-chave: eficácia, anti-helmínticos, ivermectina, disofenol.

SAÚDE E PRODUÇÃO DE RUMINANTES E EQUÍDEOS

P-207

EIMERIOSE EM OVINOS E CAPRINOS ATENDIDOS NA CLÍNICA DE RUMINANTES DO CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA PECUÁRIA – CDP/EMEVZ - UFBA

Eliene Barbosa de Lima¹; Hllytchaikra Ferraz Fehlberg²; Gabriela dos Santos Santana³; Ticianna Conceição de Vasconcelos⁴; Margareth Moura Ferreira⁵; Luiza Mattos dos Reis Silva⁶

¹Médica Veterinária Residente do Centro de Desenvolvimento da Pecuária – CDP/UFBA; ²Estagiária do Centro de Desenvolvimento da Pecuária – CDP/UFBA; ³Mestranda em Medicina Veterinária da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB; ⁴Mestranda em Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia - UFBA; ⁵Veterinária do Centro de Desenvolvimento da Pecuária – CDP/UFBA; ⁶Técnica de Laboratório do Centro de Desenvolvimento da Pecuária – CDP/UFBA

O presente trabalho evidenciou a ocorrência da eimeriose em caprinos e ovinos atendidos na clínica de ruminantes do Centro de Desenvolvimento da Pecuária CDP/EMEVZ - UFBA. Foram coletadas amostras de fezes de 286 animais no período de janeiro de 2011 a janeiro de 2013. A coleta de fezes foi realizada diretamente da ampola retal dos animais com a utilização de luvas de procedimento, e armazenadas em sacos plástico, estas foram identificadas e enviadas ao laboratório para análise. No laboratório, utilizando-se duas gramas (2g) por amostra, sendo maceradas e diluídas em 58 mL da solução saturada de NaCl e passada para um béquer através de uma peneira com gaze. O método utilizado para visualização foi a contagem de oocistos por grama de fezes (OOPG), técnica de Gordon e Withlock – modificado, onde com uma pipeta de Pasteur, foi preenchida a câmara de McMaster com observação ao microscópio (aumento de 04x e 10x) para visualização e identificação de oocistos. Do total de amostras examinadas, 230 eram de ovinos e 56 de caprinos. Os resultados revelaram que dos animais estudados, 44,75% (128) foram positivos para *Eimeria* sp., dos quais 45,2% (104) ovinos e 42,85% (24) caprinos. A presença de eimeriose se dá pela ingestão de oocistos esporulados presentes na água ou nos alimentos contaminados com fezes de animais portadores. Portanto, a pesquisa laboratorial revelou que os pequenos ruminantes estavam parasitados. Esses achados direcionaram os clínicos para tratamento com anticoccídeos, como também prestar informações aos proprietários sobre a importância do manejo adequado do rebanho visando à prevenção e controle da doença.

Palavras-chave: Pequenos Ruminantes, Eimeriose, Diagnóstico.

SAÚDE E PRODUÇÃO DE RUMINANTES E EQUÍDEOS

P-208

ENTERÓLITO NO CÓLON TRANSVERSO EM EQUINO ATENDIDO NO PROJETO CARROCEIRO - UFRA

Jonan Souza da Silva¹; Djacy Barbosa Ribeiro²; Heriberto Ferreira de Figueiredo³; Anderson Carvalho de Farias⁴; Layna Pedrosa da Silva⁵

¹Residente do Projeto Carroceiro - UFRA, ²Prof. do Instituto da Saúde e Produção Animal e Coordenador do Projeto Carroceiro - UFRA, ³Diretor Técnico do Projeto Carroceiro - UFRA, ⁴Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências Veterinárias - UECE, ⁵Aluna de Graduação do Curso de Medicina Veterinária - UFRA. E - mail: jonansouza@hotmail.com

Os enterólitos são concreções formadas no intestino grosso de equinos, constituído por sais fosfato de amônia e magnésio, depositados ao redor de um núcleo, que pode ser um corpo estranho (madeira, metal, pedra, plástico ou borracha). Fatores como o consumo excessivo de alfafa, pH intestinal, raça e hereditariedade, estão relacionados com a sua formação. Não existe diferença de predisposição entre machos e fêmeas. Equinos adultos e idosos são os mais acometidos. Os sinais clínicos variam de acordo com a forma e localização do enterólito. O diagnóstico é baseado em uma laparotomia exploratória ou necropsia. A palpação do enterólito por via retal é um importante indicativo da doença. O tratamento é de resolução cirúrgica. Foi atendido no Projeto Carroceiro da Universidade Federal Rural da Amazônia, um equino sem raça definida, fêmea, seis anos, pesando 240 Kg, com histórico de desconforto abdominal. No exame físico, verificou-se moderada alteração dos parâmetros fisiológicos, com: frequência cardíaca 41 batimentos por minuto, frequência respiratória 40 movimentos por minuto, tempo de preenchimento capilar dois segundos, pulso arterial 42, mucosa oral e ocular róseas, temperatura retal 38,9°C, motilidade intestinal diminuída com distensão bilateral dos flancos por gás e fezes ressecadas no reto com bastante muco. Com base nos achados clínicos indicativos de cólica por compactação, foi instituído o tratamento conservador através de fluidoterapia parenteral, terapia analgésica, protetor de mucosa e tifo-centese. Após 12 dias de tratamento, não houve melhora clínica. Em virtude de não ser possível a realização do procedimento cirúrgico e ter sido verificado quadro severo de endotoxemia, optou-se pela eutanásia com posterior necropsia para diagnóstico definitivo da doença. Os achados revelaram a presença de um enterólito de forma esférica com 08 cm de diâmetro e pesando 400 g, obstruindo de forma completa a porção final do cólon transversos. Os enterólitos são uma importante causa de obstrução intestinal em equinos. A avaliação clínica é importante para se entender o estado geral do animal, porém, é fundamental que se estabeleça a necessidade de uma intervenção cirúrgica emergencial, principalmente nos casos em que ocorre a obstrução completa. A demora no tratamento acaba provocando uma maior lesão do segmento intestinal afetado, levando a complicações sistêmicas, que podem evoluir a óbito.

Palavras-chave: equino, enterólito, cólon transversos.